



# Cultural

Caderno Especial do Jornal da APM  
Associação Paulista de Medicina

Nº 96

Abril/95

Coordenação:

Guido Arturo Palomba

## Vital Brasil - Uma História

Nasceu Vital Brasil em Campanha, Minas Gerais, aos 28 dias do mês de abril de 1865. Seu pai José Manoel dos Santos Pereira Júnior, abolicionista de idéias republicanas, afastado e ressentido com a família paterna pelo oposição ao casamento de sua mãe, resolveu dar aos filhos nomes sem vínculo familiar, para que cada um construísse por meios próprios o futuro, sem contar com heranças ou qualquer outra dependência parentescas. Assim, aos 10 dias do mês de junho de 1865, na Igreja Matriz da Vila Campanha da Princesa, foi o menino batizado, recebendo de seu pai o nome de: **VITAL BRASIL MINEIRO DA CAMPANHA**.

Nome escolhido por ter nascido no dia de S. Vital, ser antes de tudo Brasileiro e Campanhense das Minas Gerais. O falecimento de sua avó materna, mãe de Mariana Carolina, em fins de 1868, fez com que seu pai decidisse mudar para Itajubá, sua terra natal. Na Fazenda da Cachoeira passou Vital uma parte de sua infância.

### A INFÂNCIA

O avô paterno de Vital, José Manoel dos Santos Pereira, descendente de tradicional família de Itajubá, era rico fazendeiro, político influente de inúmeras iniciativas em prol da comunidade, sendo de sua autoria a proposta da criação da primeira escola pública de Itajubá. O velho Capitão Pimenta, nascido no final do século XVIII, apesar de ser considerado um liberal, conservava a tradição e o costume da imposição de castigos corporais pelo uso da palmatória e do relho, o que causava ao menino Vital forte e sofrida impressão. Não só pelo sofrimento causado ao negro, que gritava e chorava, como também por ver sua mãe, Mariana, muitas vezes em lágrimas interceder pelo açoitado. Por outro lado a vida na fazenda era a descoberta do paraíso, com seu tio Candido um ano mais velho, que recebia o irrestrito apoio do pai, inventava e participava de mil travessuras e brincadeiras, para as quais Candido dispunha de alguns meninos escravos que faziam tudo que mandava. Apesar da tenra idade, o instinto do pesquisador já se manifestava; quando não estava a brincar, com grande interesse e atenção, Vital observava durante horas a fio o trabalho dos escravos em todos os seus detalhes. Assim aprendeu a fabricar a corda de fumo por meio de cambitos, a fiar o algodão, a tecer, a fabricar a farinha de milho, a moer a cana, a fabricar a cachaça, o melão e a rapadura.

Mariana, com razão, preocupava-se cada vez mais com as travessuras dos meninos. Tio e sobrinho inventavam a cada instante novas e perigosas brincadeiras. Foi assim que, ao cair do carrinho de cabritos carregado com lenha, Vital fraturou a clavícula direita, acidente de consequências muito sérias na época. Os dias que se seguiram foram de grande preocupação para Mariana, o menino chorava de dor e dormia mal as noites. Um abcesso formado no lugar da fratura era o causador de tanto sofrimento. Chegando de viagem, José Manoel logo resolve mudar-se com a família para a cidade de Itajubá, onde Vital poderia ter o tratamento de que necessitava, e Mariana mais tranquilidade, longe das travessuras dos meninos e dos castigos aos escravos. As dificuldades enfrentadas pelo casal o levaram a decidir abandonar a atividade de caixeiro viajante e procurar outro meio de vida. Com o apoio e ajuda de amigos políticos de seu pai, conseguiu sua nomeação para um tabelionato, seguindo para Caldas, onde assumiria o segundo ofício de notas.

A viagem a cavalo, de Itajubá para Caldas, em 1872, durou cerca de quatro dias. Do alto de sua sela, o menino Vital se deliciava com todo aquele movimento de animais. Viajante profissional, bom conhecedor de todos aqueles caminhos, José Manoel planejava tudo com muito cuidado e eficiência, o almoço preparado na véspera, constituído de frango, carne de porco, biscoitos e queijo era feito à sombra de árvores à margem de uma boa água, e o pernoite nas grandes fazendas, onde podiam encontrar boa cama e mesa farta. A

## 1865-1950

Por Lael Vital Brasil,  
para o Suplemento Cultural do  
Jornal da Associação Paulista de Medicina.

chegada aos locais de pernoite era programada para o entardecer, com tempo suficiente para acomodar os animais e de se preparar para a ceia às 8 horas, quando se rezava o terço dirigido pelo próprio fazendeiro, ou por um dos escravos mais qualificados.

### A ADOLESCÊNCIA

A vila de Caldas foi o lugar onde Vital acabou a sua meninice e viveu a sua adolescência, recebendo as primeiras influências da sua mentalidade e do seu caráter. Uma delas, veio sob a forma de um espírito forte e enérgico. João Mestre, dono de uma escola em que se ensinava à moda portuguesa, isto é, de baixo da palmatória. Da escola de João Mestre (João Amarantes), passou a frequentar a escola pública do Prof. José Eugênio de Sales, moço inteligente e educado, que não usava palmatória, era dado ao jornalismo e foi ele quem fundou o primeiro jornal de Caldas, "O Caldense". Aí Vital teve a oportunidade de manejar o prelo de impressão e a composição de tipos. Da escola do Sr. José Eugênio, passou para a escola do Sr. Miguel, que representava a última palavra em matéria de ensino, pois o Reverendo Miguel Gonçalves Torres, pastor protestante, trazia os métodos pelos quais aprendera. O livro de leitura era a História da Bíblia de Barth, que ele comentava, trazendo belas lições de moral. Teve o Rev. Miguel Torres grande influência, não só na formação, educação e instrução de Vital Brasil, como também influíu fortemente na família de José Manoel e Mariana, convertidos em 1878 ao protestantismo.

Jogador inveterado, assíduo frequentador das mesas de carteados, José Manoel encaixou-se de tal modo que foi forçado a vender o cartório para pagar suas dívidas. Os dois centos e quinhentos conseguidos pelo segundo ofício de notas, mal deram para pagar o que devia e deixaram o jogador sem o único meio de subsistência da família. Nessas circunstâncias, sem mais poder contar com a ajuda de seu pai, pois este havia falecido em 1877, José Manoel resolveu recorrer à família de Mariana, que possuía vários fazendeiros em Guaxupé, nessa época pequena vila pertencente ao Município de Muzambinho, situada ao norte da cidade Caldas. Novamente, improvisou-se uma caravana, desta feita com oito filhos, e outros recursos foram necessários. Bem planejada, a viagem transcorreu sem problemas, chegando a família, em setembro de 1879, à Fazenda Passa Quatro, de propriedade do tio João Batista Pereira de Magalhães.

José Manoel, logo retornou a sua profissão de viajante, e Vital, com 14 anos, foi empregado como caixeiro no armazém de seu primo José Jacinto Pereira de Magalhães, homônimo de seu avô materno. Pela primeira vez o menino Vital assumia a condição de empregado. Foi nessa ocasião que apareceu em Guaxupé um monge que dizia ter a missão de levantar um cruzeiro em cada cidade ou arraial e estar incumbido de colher dádivas destinadas à libertação de crianças na Terra Santa. Como não houvesse vigário efetivo em Guaxupé, o monge tomou conta da Igreja, fazendo do confessionário sua arma poderosa para a coleta de dinheiro e jóias. Este monge, que não passava de um espertalhão, soube que João Batista hospedava uma família de protestantes, e o convenceu de que assim praticava um grande pecado e devia expulsá-los imediatamente de sua casa.

Surpreendido por uma carta de João Batista, que informava a recomendação do monge e solicitava o imediato afastamento da família, José Manoel não teve outra alternativa senão deixar a fazenda Passa Quatro e seguir para S. Paulo, onde, com um pouco de sorte e ajuda da igreja presbiteriana, o chefe da família poderia arranjar um emprego ou quem sabe se lançar no comércio da grande cidade.

Não se passou muito tempo sem que notícias chegadas dessem conta de que o santo monge, ao dizer missa na presença de um vigário que possuía bom conhecimento da liturgia, foi descoberto por fingir ler o latim sem o saber. Preso, confessou seu crime, tendo sido apreendida com ele grande quantidade de jóias e dinheiro.

### EM SÃO PAULO

Sob o governo de Sua Majestade Imperador D. Pedro II, com o partido liberal no poder e a oposição do partido republicano, graças ao desenvolvimento ferroviário, e a expansão da cultura do café no Planalto paulista, a partir de 1870 a cidade de S. Paulo começou a sentir vigoroso progresso, tornando-se a capital dos fazendeiros enriquecidos e o principal centro da província. Com uma população estimada em 25.000 habitantes, a cidade era dominada pelos estudantes de Direito, que lotavam as casas de pensão e as repúblicas que se estendiam em torno do largo da Igreja de São Francisco, cujos sinos badalavam chamando os estudantes para as aulas.

Chegou Vital com seus pais e irmãos a S. Paulo em 1880, urgia encontrar trabalho para os dois homens que deveriam sustentar a família. José, com o apoio da Igreja, logo conseguiu colocar-se como vigilante no Colégio Morton, mas para Vital, com 15 anos, todas as tentativas para uma colocação no comércio foram frustradas, teve assim que aceitar o lugar de condutor de bondes na Cia. de Carris Urbanos da Capital.

O espírito irrequieto de José Manoel não permitia acomodação, alguma coisa precisava ser feita para melhorar as condições de vida da família. Assim, passados poucos meses, conseguiu que seu filho Vital fosse aceito pela missão protestante no curso para ministro evangélico, recebendo a importância de quarenta mil réis como mesada. Como todo estudante fosse obrigado a prestar serviços à missão, Vital foi incumbido inicialmente da limpeza; assim, logo pela manhã, antes do início das aulas, de vassoura em punho, varria todo o colégio. Mais tarde, encarregado do jornal protestante Imprensa Evangélica, corrigia as provas, tomava nota dos assinantes e de saco às costas levava os jornais ao correio. Não sentindo vocação para o exercício do ministério, resolveu o jovem mineiro voltar a cursar os preparatórios que permitiriam o seu ingresso no curso superior. Nestas condições, por iniciativa própria, foi o estudante procurar o Sr. Morton propondo lecionar gratuitamente no curso primário para ter o direito de frequentar as aulas do curso secundário. Aceita a proposta, Vital Brasil ainda em tenra idade tornou-se professor, e ensinando ganhava o direito de aprender, condição que passou a adotar como solução para as dificuldades que vinha a enfrentar.

Com alguns preparatórios concluídos aos 19 anos, e o firme propósito de estudar medicina, desejava o professor estudante ir para o Rio de

Janeiro, onde se encontrava uma das duas escolas de medicina existentes naquela época. Como não tivesse dinheiro para as passagens de trem, seu pai conseguiu um passe da polícia de ida e volta, o que permitiu que o jovem de bolsos vazios mas com o coração cheio de esperanças embarcasse com destino à capital, onde deveria se apresentar no Colégio do Dr. Menezes Vieira, que por correspondência havia contratado o jovem professor. Recebido no Colégio e deixado por longo tempo à espera de uma definição, ansioso para dar início aos seus estudos que dependiam das aulas que deveria lecionar, solicitou uma entrevista ao Diretor do Colégio, que, muito irritado, aos gritos, sem querer entender o que pretendia o jovem, mandou que colocassem sua bagagem à porta dizendo "que o Colégio não era hotel". Sem meios para qualquer reação, surpreso e decepcionado, Vital tomou o caminho para a estação, onde ficou à espera do trem que o levaria de volta a S. Paulo, guardando uma forte impressão do nome de Menezes Vieira como um tipo de homem violento e injusto.

Sem desanimar, com força redobrada sentida pelos homens determinados quando em confronto com um desafio maior, retornou ao "Curral do Bichos", local assim chamado pelos veteranos destinado aos estudantes dos cursos preparatórios. Nesta ocasião foi contemporâneo de seu primo pelo lado paterno Venceslau Braz Pereira Gomes e de Delfim Moreira da Costa Ribeiro, ambos se preparando para a escola de Direito, e futuros Presidentes da República. Terminados os preparatórios, apesar do dinheiro ganho com seu trabalho fora das horas de estudo, não tinha recursos para voltar ao Rio de Janeiro, tudo havia sido gasto na manutenção da família e nas mesas de jogo frequentadas por José Manoel.

Após trabalhar na construção da estrada de ferro do Rio Claro, e como professor na sua antiga escola em Caldas, aproximando-se a época da matrícula na Faculdade de Medicina, retornou à S. Paulo, onde a situação encontrada não era outra, não havia recursos para o prosseguimento da viagem até o Rio de Janeiro. Desta vez, porém, com o apoio de sua mãe, o espírito prevenido e decisão tomada, com ou sem dinheiro haveria de chegar à capital e lá iniciar seus estudos. José Manoel, sentindo a forte determinação do filho que não abria mão de seu intento, arranjou-lhe uma série de cartas de apresentação para gente que podia eventualmente arranjar um emprego para o rapaz.

### NA CAPITAL DO IMPÉRIO

Com muito pouco dinheiro, muita esperança e determinação, em 1886, aos 21 anos de idade, chega Vital Brasil ao Rio de Janeiro, pela segunda vez, com o firme propósito de se matricular no curso de medicina.

Com seu pequeno baú às costas, segue até o centro da cidade para se hospedar, de favor, em casa de uns portugueses que comerciavam com produtos vindos de Itajubá. Instalado em um pequeno quarto nos fundos da loja, mal podia esperar o dia amanhecer para começar a entregar as cartas que seu pai arranjara, pois era preciso providenciar o quanto antes um emprego que lhe garantisse a subsistência na capital do império. A medida que encontrava o endereço do seu destinatário, e fazia a entrega da missiva, com o coração aos pulos de ansiosa expectativa, no silêncio da leitura procurava perceber no olhar do leitor algum sinal de apoio e receptividade, mas qual nada, o constrangimento era maior a cada entrega, e a resposta sempre a mesma: "A situação estava muito difícil, se fosse em outra época daria o emprego prazerosamente".

Assim foi Vital parar no Andaraí, à procura da casa do ex-deputado e Conselheiro do Império Martins Francisco Ribeiro de Andrada, a quem era dirigida uma das cartas remanescentes. Estava o velho parlamentar doente, sentado em uma





poltrona, tendo ao seu lado o mais reputado clínico da época, o Professor Torres Homem. Doutor em leis, lente da Faculdade de Direito de S. Paulo, de onde veio o conhecimento que permitiu a José Manoel conseguir a carta que apresentava seu filho como moço pobre que queria estudar, recebeu das mãos do jovem constringido o envelope cheio de esperança.

A reação foi brusca, agressiva e inesperada. De mau humor e com grande irritação esbravejou ao final da leitura: "Moço pobre não estuda, vai empregar-se no comércio, isso de estudar medicina é para quem pode". Com lágrimas nos olhos, chocado por tamanha violência, Vital Brasil retirou-se. Do peito vinha o grito da revolta, do pensamento a força da determinação: "pobre pode e deve estudar, hei de estudar e ser médico".

Resolvido a não entregar mais as cartas que faltavam, no regresso ao seu pequeno quarto, Vital comprou um jornal, e na certeza de encontrar algo entre os anúncios foi direto na coluna do "precisa-se". Logo encontrou o anúncio do Colégio Froebel no Rio Comprido, seu diretor Prof. Hemérito José dos Santos precisava de um professor para o colégio, dava casa, comida, roupa lavada e um salário de trinta mil réis por mês. Aceita a proposta, a mudança para o Rio Comprido foi imediata, seguida do início dos trabalhos do novo professor. Resolvida a questão da sobrevivência, finalmente o grande dia. Matriculado na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, Vital se torna estudante do curso médico, realizando, após dois anos de sacrifícios e incertezas, a primeira parte do seu grande sonho.

A atividade no Colégio deixava muito pouco tempo para o primeiro anista de medicina, e a troca de correspondência com a família em S. Paulo, dava conta da preocupação de Vital quanto aos estudos. Conhecedor da decisão do filho de não mais ser portador de cartas de apresentação, José Manoel escreveu ao então Ministro da Justiça Joaquim Delino Ribeiro da Luz, velho conhecido de sua família para quem tinha servido como cabo eleitoral, pedindo para Vital um emprego que permitisse horas de estudo e frequência às aulas da faculdade. Sensibilizado com o teor da carta recebida, determinou a admissão do estudante como Escrevente de Polícia, com o ordenado de trinta mil réis mensais.

Recebendo na polícia salário igual ao que recebia no Colégio Froebel, sem a vantagem da casa, comida e roupa lavada, tornou-se imperativo conseguir algum tipo de complementação. Foi na casa do Sr. Elias da Silva que conseguiu receber a alimentação em troca das aulas que dava a duas filhas do fotógrafo estabelecido na rua da Carioca 120. Os dias se passavam, e, a cada um deles, a persistência e a força de vontade do estudante eram testadas. Andava a pé para economizar seus poucos recursos, bem cedo pela manhã começavam as aulas na faculdade, os momentos de folga nos plantões na polícia eram dedicados ao estudo, logo após ao jantar havia as aulas das filhas do Sr. Elias, e à noite, com o sacrifício de horas de sono e descanso, debruçava-se nos livros emprestados dos colegas, gravando em sua memória e anotando toda sua essência, pois não podendo comprá-los não podia contar com eles para consulta na época dos exames. A fraca iluminação das lâmparas de azeite, pois só o centro da cidade contava com os lampiões a gás, e o cansaço do dia de trabalho, faziam com que o sono se transformasse em instrumento de tortura para o leitor, situações sempre resolvidas pela imersão dos pés em uma bacia de água fria.

Ainda nessa época, contraiu a febre amarela, doença grave tratada pela saúde pública com severidade e envio do doente para o hospital de Jurubá, do outro lado da baía de Guanabara, de onde eram raros os doentes que de lá escapavam com vida. Atendendo a um pedido do Sr. Elias, o dono da casa de cômodos não comunicou o fato à Saúde Pública, o que salvou a vida do professor de suas filhas.

Terminava o primeiro ano do curso médico, quando recebeu uma carta de seu pai ordenando-lhe que fosse esperá-lo na estação, pois estava vindo de mudança com toda a família para fixar residência no Rio de Janeiro. A moradia encontrada era perto do Arsenal de Marinha, assim José Manoel e Mariana logo começaram a trabalhar em costuras para o Arsenal. Vital e Iracema, já formada, foram lecionar em um colégio próximo, Oscar, com 10 anos, apanhava e fazia as entregas das costuras, as outras três irmãs cozinhavam e cuidavam da casa e das duas meninas menores. Passado algum tempo, empregou-se José Manoel como vigilante do Liceu de Artes e Ofícios, onde Vital e Iracema passaram a lecionar, e as irmãs Sinhá e Vidinha frequentavam as aulas no período

noturno. Com o término das férias da Faculdade de Medicina, sem poder dispensar o emprego de professor no Liceu, novamente teve o estudante que conciliar todas suas atividades reduzindo ao máximo suas horas de sono, pois havia que frequentar as aulas da faculdade, trabalhar na polícia, ensinar no Liceu e ainda encontrar tempo para o estudo, o que só era conseguido a partir da sua inabalável determinação de se tornar médico.

Nomeado, no ano seguinte, 1889, interno do Hospital da Santa Casa, Vital passou a dar plantão algumas noites por semana, recebendo um pequeno ordenado. Por tal serviço, muito ganhava em experiência profissional. A Faculdade de Medicina funcionava na Santa Casa de Misericórdia, na Praia de Sta. Luzia com o Morro do Castelo nos fundos. Foi aí, nesse ambiente austero, inteiramente dedicado à causa humana, que o "Sr. Companhia", como Vital Brasil era chamado por seus professores, adquiriu o conhecimento e colheu os bons exemplos que muito contribuíram para a formação do homem honrado, médico humanitário e emérito cientista. Por volta de 1888 trabalhou com o Dr. José Pereira Rego, Barão do Lavradio, o consultório mais frequentado da "sala dos bancos" do Hospital da Santa Casa de Misericórdia, dava consultas a 400 clientes. Trabalhava com dois estudantes, a um deles ditava o diagnóstico, ao outro a receita por número. No estudo da Botânica, iam os alunos herborizar pelos lados de Copacabana guiados pelo professor adjunto da seção Dr. Satamini. O caminho era feito de bonde de tração animal até a Praia Vermelha, e dali subiam os morros colhendo plantas para o herbário da faculdade, do cimo das montanhas avistava uma larga faixa do mar de Copacabana, onde nenhuma casa havia. De volta, vinham carregados de plantas e das mais sábias lições do competente guia e professor. A Fisiologia teórica e experimental tinha no Dr. João Paulo de Carvalho um excelente professor, que procurava realizar na presença dos alunos todo tipo de experiências básicas. Dessa cadeira, foi Vital Brasil por concurso, ajudante de preparador, tendo no preparador, Dr. Utinguassu, um exemplo de homem sério e competente.

Foram duas as datas importantes que o jovem estudante Vital Brasil assistiu na Capital do Império, onde viveu de 1886 a 1892. A Liberação dos Escravos em 13 de maio de 1888, e a Proclamação da República em 15 de novembro de 1889.

### O IMPERADOR D. PEDRO II

Nessa época, o Imperador, nascido em 1825, contando mais de sessenta anos, não deixava de prestigiar com sua presença todos os concursos para provimento das cadeiras das Faculdades. Acompanhando de perto a classificação dos candidatos, exigia a nomeação do primeiro colocado, não permitindo o favoritismo e outras trapalhadas. Sempre que havia uma defesa de tese de aluno distinto, ele pedia ao diretor da escola, para avisá-lo, pois fazia questão de assistir sua exposição. Não muito raro aparecia na escola, escolhendo uma das aulas, a que assistia sentado em uma poltrona colocada à frente. Foi assim que Vital Brasil, por diversas vezes, teve a oportunidade de vê-lo de perto e de conhecê-lo pessoalmente. Era uma figura venerada, altamente interessado em tudo que se referia à educação, aos bons princípios da moral, da ética e dos bons costumes. A imprensa gozava da mais ampla liberdade; mesmo quando atacava injustamente a família imperial, não recebia qualquer restrição. Em uma "lista negra" anotava pessoalmente o nome de todo e qualquer funcionário que tivesse qualquer deslize na administração; os inscritos não eram promovidos e quando políticos não eram escolhidos para o Senado, mesmo que seus nomes fizessem parte da lista triplíce. Quando aos magistrados, não subiam de posto mesmo quando apresentados pelos mais influentes políticos da época.

D. Pedro custeava de seu bolso as despesas de vários estudantes, tanto no país como no estrangeiro. Era amigo dos maiores sábios da época na Europa, assim se fez amigo de Pasteur. Quando Pasteur descobriu o tratamento da raiva, contribuiu com 20 contos de réis para a fundação do Instituto Pasteur, e indicou a Santa Casa da Misericórdia como a instituição que deveria selecionar e enviar para a Europa um médico para aprender o método de tratamento recém-descoberto.

### A PROCLAMAÇÃO DA REPÚBLICA

Apesar do respeito e admiração que tinham pelo imperador, estudantes e professores eram contrários ao governo e favoráveis à república, almejando maior igualdade e a participação democrática.

Quando ocorreu a proclamação da república, Vital morava na ladeira do Castelo, e logo que teve notícia da revolução se apressou em apresentar-se à escola, onde encontrou o republicano e professor Dr. Barata Ribeiro, com grande entusiasmo formando e organizando o batalhão acadêmico, do qual se proclamou comandante e Vital passou a fazer parte. Com um chapéu de abas largas e espada na cinta, seguiu com o batalhão para a Intendência de Guerra, onde um segundo-tenente iniciou a instrução militar e forneceu as pesadas carabinas "comblain". A tarde desse dia, foi o batalhão a apresentar armas ao Marechal Deodoro da Fonseca, que morava em um pequeno sobrado com frente para o campo de Sant'Ana. Doente, o velho Marechal já havia se recolhido ao leito, mas ao saber da presença do Batalhão Acadêmico, levantou-se e apareceu na sacada para receber as homenagens. Viveu assim, o jovem estudante Vital Brasil, esse momento histórico da vida nacional.

### A FORMATURA

Nessa ocasião, pensando na tese que deveria apresentar à faculdade por ocasião de sua formatura, recebeu do seu amigo fotógrafo Elias, adepto da homeopatia, a sugestão de estudar a planta Pulméria, muito usada no tratamento de pessoas mordidas por cobra. A idéia agradou, e o estudante passou a pensar como fazer tal estudo. Chegou à conclusão de que nada poderia ser feito sem um laboratório, e sem a ajuda de um profissional para orientá-lo nas pesquisas e experiências. Assim foi procurar o Dr. Domingos José Freire, único orientador daquela época e professor de química orgânica e biológica, no interno de conseguir deste o apoio e a ajuda necessária. Infelizmente o professor não se interessou pelo projeto do estudante, e Vital teve que desistir do tema escolhido para sua tese de formatura. Foi esta a primeira vez que Vital Brasil teve sua atenção despertada para o problema do ofidismo.

Formou-se Vital Brasil Mineiro da Campanha, em dezembro de 1891, pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, angariando o título de "Doutor em ciências médico-cirúrgicas" pela defesa da tese "Funções do Baço", apresentada manuscrita em 15 de dezembro de 1891, defendida e aprovada em 9 de janeiro de 1892.

De regresso a S. Paulo, Vital Brasil foi contratado pelo Serviço Sanitário do Estado, seguindo em comissões de higiene no combate à febre amarela nas localidades de Belém do Descalvado, Rio Claro e Jaú, sendo, mais tarde, já em 1893, nomeado Delegado de Higiene na cidade de S. Paulo. Participa então da comissão de especialistas para estudo do saneamento das localidades do interior assoladas pela febre amarela, malária, varíola, difteria e outras endemias, viajando para Belém do Descalvado, Porto Ferreira, Pirassununga, Leme, Cachoeira e Barra do Pirai, onde além de combater essas enfermidades estabelecia planos e promovia o saneamento básico local. Em 1895, segue para Cachoeira, no Vale do Paraíba, chefiando a Comissão Sanitária no combate à epidemia de cólera-morbo que se instalara na região. Sempre elogiado por seus superiores pelo desempenho e resultados obtidos, o jovem médico não media riscos e nem poupava esforços para bem servir a população flagelada pelas impiedosas enfermidades que dizimavam homens, mulheres e crianças.

### O OFIDISMO

Instado por sua mãe e por sua esposa, que temiam pela sua vida, resolve Vital Brasil deixar o serviço público e dedicar-se à clínica médica. Em 1895, o destino o conduziu à pequena cidade de Botucatu, onde encontrou seu grande e velho amigo, o Reverendo Carvalho. A palavra do amigo que falava das várias plantas empregadas empiricamente no tratamento dos acidentes ofídicos, e a forte emoção sentida pela morte de uma jovem paciente, fez o médico se entregar ao estudo, com o objetivo de descobrir a verdade, explicando a razão de ser tão várias as substâncias preconizadas contra o envenenamento.

O primeiro passo foi vencer o pavor da serpente. As serpentes compradas dos roceiros eram colocadas em caixas de madeira e guardadas em um pequeno quarto no fundo do quintal. Era preciso, no entanto, tirá-las da caixa, observar o seu comportamento e extrair seu veneno, tudo com muito cuidado, pois qualquer descuido levaria ao ataque fatal. Estava o pesquisador empenhado nas suas experiências com vários extratos vegetais, quando chegou-lhe às mãos o trabalho de Calmette, feito na Indochina, que focalizava a resolução do ofidismo pela soroterapia. A simples leitura desse trabalho teve-lhe aos olhos da ciência a verdade; levantou

o a mudar inteiramente o rumo das suas pesquisas. Tentar experiências de imunologia e soroterapia na pequena e longínqua Botucatu, seria pura perda de tempo. Vital resolve abandonar a clínica e voltar à capital do estado, para dar prosseguimento ao trabalho que iria dar ao mundo a verdadeira solução do problema que causava, todos os anos, milhares de mortes por envenenamento.

Com a ajuda dos amigos e o excelente conceito deixado no serviço público, em 14 de junho de 1897 é nomeado assistente do Instituto Biológico, sob a direção do eminente sábio naturalista Adolfo Lutz. Dele obteve Vital Brasil não só autorização para ocupar-se do ofidismo, como também recebeu os mais sábios conselhos. O entusiasmo e a dedicação do pesquisador logo conquistaram a amizade e a admiração do seu chefe e dos seus colegas, que passaram a incentivar o jovem médico a perseverar na busca da verdade. Verifica, Vital Brasil, a inatividade do soro de Calmette sobre os venenos da nossa cascavel e da jararaca, levando-o a imunizar, em laboratório, animais com os venenos das serpentes brasileiras e pesquisar a especificidade.

Conseguiu o soro antiofídico é ativo contra o veneno da cascavel, e o botrópico contra os venenos das espécies Botrops. A especialidade dos soros antipeçonhentos passa ser uma realidade científica.

Adolfo Lutz alcança o valor destes primeiros ensaios e solicita ao Governo a criação de um instituto, onde Vital Brasil pudesse prosseguir suas investigações. No Instituto Bacteriológico, não havia espaço suficiente, nem instalações para o cativeiro das serpentes, para estabelecimento de grandes animais, e para os serviços de imunização, o que inviabiliza a fase final do trabalho: a produção do soro em larga escala.

### A PESTE

O surto epidêmico surgido em Santos, em 1899, preocupa as autoridades sanitárias. O Instituto Bacteriológico é convocado para identificar a origem do mal e envia Vital Brasil, que parte para aquela cidade em 9 de outubro. Médico experiente na área de combate às endemias, instala um rudimentar laboratório em um dos quartos do hospital da Santa Casa, identifica a epizootia de ratos, obtendo culturas positivas do bacilo da peste, e realiza autópsias. Não há dúvida, trata-se da peste bubônica. Adolfo Lutz, em S. Paulo, acompanha com interesse o trabalho e confirma os resultados dos exames de laboratório. Medidas energéticas precisam ser tomadas para conter a doença trazida e propagada pelos ratos.

O povo não quer que seja a peste, porque não convém aos seus interesses. Alguns médicos mal orientados alimentam a incredulidade e a revolta popular. Trata-se de um porto, e todo o comércio está prejudicado. As pressões são enormes sobre Vital Brasil, que com inabalável firmeza prossegue no seu trabalho. Em 21 de outubro entra no isolamento um doente em estado grave, Vital se empenha na prova final do seu diagnóstico, mas dois dias depois começa a sentir os sintomas da moléstia.

Enviado pela Saúde Federal, pressionada pela repercussão da crise estabelecida na cidade portuária, chega Oswaldo Cruz com a missão de acompanhar os trabalhos. Vital, acamado, lhe confia o prosseguimento. Não resta dúvida, é peste mesmo. Com a satisfação do encontro da verdade, Oswaldo Cruz apressa-se a informar ao vitorioso colega acadêmico. Entra no seu quarto e vai dizendo: "Parabéns, Vital, você está com peste". Começou aí a amizade entre esses dois expoentes da medicina brasileira, cultivada nos anos que se seguiram pelo respeito e mútua admiração.

A rapidez da ação correta e a competência de Vital Brasil permitiu às autoridades sanitárias logo debelar a epidemia, propiciando ao povo santista a retomada da normalidade em segurança. Na oportunidade recebe Vital Brasil um ofício da Academia Nacional de Medicina, que o congratulava por ter escapado da cruel infecção de que fora vítima no cumprimento do dever. O Dr. Silva Araujo, que subscreve o documento, assim termina: "E-me sumamente agradável ser veiculado desta tão honrosa quanto merecida distinção, com que quis a Academia galardão vossos humanitários serviços, e se m'o permitirdes juntarei ao da douta corporação os meus sinceros parabéns, fazendo votos para que continueis a vos dedicar, com a mesma competência e assiduidade".

### O BUTANTAN

Quando ainda convalescente regressa a S. Paulo, e o Governo do Coronel Fernando Prestes

... havia adquirido a fazenda do Butantan, para instalar o aludido instituto. No Rio de Janeiro, o Barão de Pedro Afonso contrata Oswaldo Cruz para diretor técnico do Instituto de Manguinhos. Assim, Butantan e Manguinhos nasceram ao mesmo tempo, pela mesma causa e com os mesmos objetivos. A diferença estava nos respectivos diretores: enquanto Oswaldo Cruz, possuidor de inigualável cultura, havia chegado de Paris onde fizera o curso do Instituto Pasteur, o futuro diretor do Butantan não conhecia outras terras além do seu Estado natal, de S. Paulo e do Rio de Janeiro. Amparado, no entanto, pelo entusiasmo pela soroterapia e pelo grande desafio, comissionado, entra na Fazenda do Butantan em 24 de dezembro de 1899 com a incumbência de ali organizar, instalar e dirigir um laboratório com a finalidade de produzir o soro antipestoso. Na sua bagagem trouxe o seu trabalho sobre oídismo, exultando com a feliz oportunidade de aplicar em maior escala e em grandes animais, os conhecimentos colhidos na experiência em animais de laboratório.

O estábulo da fazenda, onde faziam a ordenha, rapidamente murado e adaptado, passou a servir como laboratório, e foi aí, neste ambiente paupérrimo onde o desconforto competia com a impropriedade das instalações, que tiveram início, em 1900, os primeiros trabalhos técnicos do Butantan. Sob sua administração o Butantan já no ano seguinte produzia e entregava ao consumo os primeiros frascos de soro antipestoso e antiofídico, e em pouco tempo se tornaria um grande centro de pesquisas, verdadeiro marco na ciência experimental, reconhecido mundialmente pelos trabalhos científicos ali realizados.

Em dezembro de 1901, Vital pronuncia memorável conferência na Escola de Farmácia de S. Paulo sobre "O envenenamento ofídico e seu tratamento", na qual descreve com minúcias os envenenamentos crotálico e botrópico, diferenciando-os distintamente, e noticia o emprego do soro pela primeira vez, no Butantan, em um homem picado por jararaca. A primeira consagração, no entanto, só aconteceu em 28 de junho de 1903, no Quinto Congresso de Medicina de Cirurgia, reunido no Rio de Janeiro, quando demonstrou, na prática e ao vivo, que a única arma para combater o envenenamento ofídico era o soro específico. A descoberta de Vital Brasil sobre a especificidade dos soros antipeçonhentos estabeleceu um novo conceito na imunologia, e o seu trabalho sobre a dosagem dos soros antiofídicos criou tecnologia inédita. A criação dos soros antipeçonhentos específicos e o antiofídico polivalente ofereceu à medicina, pela primeira vez, um produto realmente eficaz no tratamento do acidente ofídico, que, sem substituto, permanece salvando centenas de milhares de vidas nestes últimos 95 anos.

Se, para o cientista Vital Brasil, os resultados obtidos no laboratório eram definitivamente satisfatórios, para o médico humanitário ainda havia muito o que fazer. Era preciso, além de vencer lendas e crenças, produzir soro em quantidade suficiente e colocá-lo ao alcance do homem do campo, a maior vítima do ofídismo. Com a visão ampla do problema, busca na sua imaginação todos os recursos para desencadear o que chamou - "A defesa contra o ofídismo", extenso programa de ação objetivando divulgar e levar ao interior a mensagem e o recurso do novo tratamento.

Foram, entre outras, algumas dessas providências: a criação, com Adolpho Lutz, de um aparelho destinado a facilitar a captura da cobra, sem risco para o homem, chamado de laço de Lutz; a idealização de uma caixa de madeira, segura, de fácil fabricação e baixo custo, para o transporte de cobras vivas; a fabricação em quantidade desses laços e caixas pelo Butantan, para distribuí-las pelo interior, a realização de convênios entre as diversas Estradas de Ferro e o Butantan para o transporte gratuito desse material; e concluindo, a implantação com os fazendeiros de um sistema de trocas, as cobras capturadas recebidas no Butantan eram pagas com tubos de soro, seringa e agulha enviados ao remetente. Assim conseguiu, Vital Brasil, receber cobras em quantidade e obter veneno suficiente para a fabricação do soro em escala compatível com as necessidades da população, ao mesmo tempo que colocava nas mãos dos maiores necessitados o único meio de lhes salvar a vida.

Vital se aproveitava dessa correspondência cercada com humildes homens do campo para ensinar-lhes as medidas de proteção contra acidentes, pelo uso de calçado, de bota, de proteção a animais ofiófagos como o cangambá, a seriemã, e a muçurana, serpente inofensiva que se alimenta de serpentes venenosas, a cujos venenos é imune,

descoberta do Butantan por Vital Brasil. Praticava assim, no início do século, a ecologia, defendendo a preservação das espécies animais que contribuem para o equilíbrio da natureza.

A complementar todas essas medidas, em 1911, escreve e publica o livro *A Defesa contra o Ofídismo*, obra de grande valor didático, técnico e científico, escrita porém em linguagem clara e de fácil entendimento, para atender ao maior número possível de interessados. O interesse despertado pela obra fez com que fosse reeditada, traduzida para o francês, em 1914.

O Instituto do Butantan se torna um centro de atração, visitado por turistas vindos de todas as partes do mundo, entre eles, especialmente interessados os do mais alto nível cultural e os especialistas de outras instituições. Rui Barbosa, Theodoro Roosevelt, Santos Dumont, o rei Alberto da Bélgica, a rainha Elizabeth e o príncipe Leopoldo estão entre outros vultos de projeção mundial que puderam testemunhar a excelência da instituição. Tal sucesso não podia deixar de gerar inveja, e a política dos invejosos não podia ser outra senão a de tentar afastar o responsável pela sua causa. Não admitindo a interferência escusa e descabida de algumas das autoridades do Estado, solicita, o Diretor do Butantan, a sua aposentadoria e se afasta desejando o bem e a continuidade da sua obra. Mas sua ausência é fortemente sentida, em quatro anos a eficiência está fortemente abalada, o Governo do Estado convoca Vital Brasil que, em 1924, reassume o comando e reorganiza a instituição, trazendo de volta o brilho, o entusiasmo e a produção científica com eficiência redobrada, permanecendo na direção até 1928, quando se afasta definitivamente por questões de saúde.

## O INSTITUTO VITAL BRASIL

Deixando a direção do Butantan, em 1919, veio Vital Brasil para o Rio de Janeiro. Apesar de convidado por Carlos Chagas para trabalhar em Manguinhos, resolveu fundar um novo laboratório, por achar que o Brasil necessitava de um número maior de instituições científicas, onde o estudo e a pesquisa se ocupassem da solução de seus graves problemas. Instado por seus mais chegados assistentes e com apoio do Dr. Raul Veiga, então Presidente do Estado do Rio de Janeiro, fundou, em Niterói, o Instituto Vital Brasil. A Instituição apresentava um novo desafio, pois além da pesquisa e da preparação dos soros e vacinas, deveria criar uma linha de produtos para uso veterinário, realizar o serviço anti-rábico, e os exames de saúde pública para o Estado do Rio. Nessas condições, a organização previu a comercialização de alguns produtos para dar sustento à parte científica, já que se tratava de uma iniciativa essencialmente particular.

A seriedade, a perseverança e a dedicação de Vital Brasil fizeram do Instituto outro importante centro de pesquisas, único por sua organização no âmbito nacional, reconhecido internacionalmente como estabelecimento científico pelos trabalhos de valor realizados e acentuada projeção social. Formador de novos cientistas, estudantes brasileiros e estrangeiros aí encontravam acolhida para se iniciarem na carreira da pesquisa, estagnado em seus laboratórios e usufruindo da sua biblioteca especializada, mantenedora de intercâmbio cultural com os maiores centros científicos do mundo.

Superando, com êxito, todas as finalidades previstas na sua criação, já em 1943, por ocasião da inauguração das novas instalações, que expressavam o que de mais moderno existia em matéria de construção e instalação de laboratório de pesquisa e produção, o serviço anti-rábico havia tratado gratuitamente de 16.207 pessoas e enviado ao interior quantidade de vacina para o tratamento completo de outras 22.273. Vendendo seus produtos no mercado interno e exportando para diversos países da América, Austrália, Portugal, Espanha e Síria, conseguia os meios próprios de sustentação, além de contribuir com vultosa quantia, em impostos aos cofres públicos. Encampado pelo Estado do Rio de Janeiro em 1956, em função dos graves problemas financeiros iniciados com o após guerra, enquanto particular o Instituto Vital Brasil manteve-se fiel aos objetivos científicos e social para os quais fora criado.

O fato de ter, partindo do nada, organizado e construído dois grandes Institutos de Medicina Experimental, coloca Vital Brasil em posição única na história da ciência. Da importante obra do cientista, constam mais de cem trabalhos publicados nas mais diversas revistas especializadas, reconhecidos internacionalmente por sua qualidade técnica e também pela clareza e exatidão das informações transmitidas pelo autor. A realização desse imenso trabalho só foi possível a partir da

colaboração dedicada de seus assistentes, técnicos do mais elevado nível, homens de ciência de reconhecido valor reunidos por Vital Brasil, que, com elevado espírito de justiça, austeridade, dedicação e competência a toda prova, os inspirava e orientava no prosseguimento da pesquisa em ambiente de respeito mútuo, confiança e amizade fraterna.

## FINAL

Faleceu Vital Brasil, aos 85 anos, no Rio de Janeiro, em 8 de maio de 1950, legando ao povo brasileiro esta gigantesca obra, sólido patrimônio da ciência nacional, reconhecida e respeitada em todos os centros científicos do mundo. Homem íntegro, amante da verdade, dotado de excepcional inteligência, autodeterminação e força de vontade, desprovido de vaidade e desapegado dos bens materiais, teve um sentimento maior: O desejo de servir ao seu semelhante, ao seu país e à humanidade.

Foram suas as palavras: "Quando estudante de medicina, não me deixei empolgar pela moda de materialismo que avassalava as escolas superiores e, graças a essa circunstância, conservei o espírito religioso a guiar-me os passos da vida, ensinando-me a fugir das questões pessoais, a defender a verdade em terreno elevado, a respeitar a opinião e a liberdade de outrem. Aprendi que só o trabalho realizado com amor, dedicação e perseverança é construtivo, e que o ódio nada constrói."

"Fiz uma parte do muito que gostaria de fazer pela humanidade. Não tenho orgulho da minha pobre ciência, mas estou satisfeito com minha alma e o meu coração. Para uma alma bem formada não há como fazer bem aos outros, o bem que consegui fazer é que conforta e tranquiliza meu velho coração."

## SEUS PAIS

Seu pai José Manoel dos Santos Pereira Júnior, nascido em 12 de outubro de 1837 em Itajubá e falecido em Santos em 13 de maio de 1931, era filho do Capitão José Manoel dos Santos Pereira (Capitão Pimenta) e de Tereza Joaquina do Nascimento. Neto do Cel. José Manoel dos Santos (Cel. Santinho) e da portuguesa Maria Pereira, bisneto do português Manoel dos Santos Cabral e da mineira Inácia Soares de Gouveia. Foram dos primeiros colonizadores da região de Itajubá antigo, hoje Delfim Moreira, onde em meados do século XVIII formaram a Fazenda do Rio Manso.

Sua mãe, Mariana Carolina Pereira de Magalhães, nascida em Campanha em 21 de maio de 1845 e falecida no Butantan em 24 de janeiro de 1913, era filha de José Jacinto Pereira de Magalhães e de Francisca do Carmo Xavier de Araújo. Neta paterna de Antonio Joaquim Pereira de Magalhães e de Maria Joaquina Feliciano da Silva. Neta materna do Capitão Joaquim Xavier de Araújo e de Mariana Gonçalves de Brito. Pelo lado dos Pereira de Magalhães, era trineta de Rosa de Oliveira, tia avó de Tiradentes.

## OS IRMÃOS

Casados em Campanha em 1860, José Manoel dos Santos Pereira Júnior e Mariana Carolina Pereira de Magalhães tiveram oito filhos, que, como já dissemos, por decisão de José Manoel foram batizados com nomes diferentes.

1. Vital Brasil Mineiro da Campanha
2. Maria Gabriela do Vale do Sapucaí (Mariquinha), nascida em 1869 na Fazenda da Cachoeira em Itajubá, foi inicialmente chamada de Maria Cabocla de Itajubá. Cabocla por ter nascido na fazenda do avô paterno, mas como não gostasse do seu nome, chorava todas as vezes quando assim chamada. Um dia José Manoel, irritado com o choro da menina, sentenciou: "Você não quer ser cabocla, pois bem, de hoje em diante vai se chamar Gabriela, Maria Gabriela do Vale do Sapucaí". Isto porque, diante da rebeldia da filha, lembrava da Fazenda do Gabriel Junqueira, reduto dos rebeldes da revolução de 1842. Foi casada com Olimpio Vasconcelos, sem geração.
3. Iracema Ema do Vale do Sapucaí, nascida em 1870 em Itajubá, foi casada com o Engenheiro Miguel Frederico Presgrave, com quem teve duas filhas: Fileta e Helena, ambas com geração em S. Paulo.
4. Judith Parasita de Caldas (Sinhá), nascida em 1873 em Caldas. Parasita por ter sua mãe viajado grávida de Itajubá para Caldas, onde nasceu a menina. Foi casada com Alfredo Campos, sem geração.
5. Acácia Sensitiva Indígena de Caldas (Vidinha), nascida em 1874 em Caldas. Recebeu

o nome de Acácia em homenagem a um menino português chamado Acácio, que empregado no armazém de José Manoel, em Itajubá, demonstrou extrema dedicação e amizade ao seu patrão. Foi casada com o engenheiro Manoel Guimarães Carneiro, sem geração. Com duas filhas adotivas (sobrinhãs de Manoel), este casal mudou-se para o Butantan em 1913, quando passou a cuidar da casa e dos nove filhos de Vital Brasil, que enviava. Atuando com carinho, dedicação e desvelo na educação das crianças, desempenharam relevante papel nos destinos da família. Foi esse apoio, afetivo e material, dado ao modesto Diretor do Butantan, da maior importância para a continuidade do trabalho do notável administrador e eminente cientista.

6. Oscar Americano de Caldas, nascido em 1875, em Caldas, recebeu o nome de Americano por ter nascido na América. Foi casado com Ermelinda Ramos, com quem teve cinco filhos: Maria Eugênia; Oscar; Carlos; José Eduardo e Mariana. Com a descendência formam a família Americano, de S. Paulo.

7. Fileta Camponesa de Caldas (Benzica), nascida em 1878 em Caldas, recebeu o nome de Camponesa por ter sido robusta quando criança. Foi casada com Charles Bradlaw Norris, com quem teve três filhas: Mariana Yolanda, Wanda Mafalda e Beatriz Noêmia. Todas com geração.

8. Eunice Peregrina de Caldas, nascida em 1879, em Caldas, recebeu o nome de Peregrina por ter, com poucos meses de idade, viajado como se iniciasse uma peregrinação. Foi excepcional educadora e escritora brilhante. Faleceu solteira.

## OS FILHOS

Vital Brasil casou em S. Paulo com sua prima em segundo grau, Maria da Conceição Philipina de Magalhães (Nhazinha), em 15 de outubro de 1892. Ela Mineira de Guaxupé, nascida em 26 de maio de 1877, era filha de José Jacinto Pereira de Magalhães (homônimo e sobrinho do avô materno de Vital) e de Francisca Amélia Pereira da Cruz. Neta paterna de Joaquim Leonel Pereira de Magalhães e de Cândida Lina do Patrocínio, neta materna de José Teodoro Pereira da Cruz e de Alexandrina Lina Pereira de Magalhães. O casal teve doze filhos, dos quais nove chegaram à idade adulta. Foram estes: Vitalina; Alvarina; Mário; Vital Filho; Ary; Ruy; Alvaro; Lygia e Oswaldo.

Viuvo em 8 de março de 1913, Vital volta a casar, em Niterói, com Dinah Carneiro Vianna (sobrinha do seu cunhado Manoel Guimarães Carneiro) em 1 de setembro de 1920. Ela nascida em Santos, em 22 de junho de 1895, foi criada em Paraná, de onde procede sua tradicional família. Era filha de Paulo Guajará Vianna e de Aíde Guimarães Carneiro. Neta paterna de Félix Bento Vianna e Maria Luiza Auben, neta materna do comendador Manoel Ricardo Carneiro e de Delfina Guimarães, esta filha de Antonio Guimarães, Visconde de Nacar. Deste segundo casamento nasceram nove filhos: Acácia; Isis; Eliah; Enos; Horus; Ícaro; Eglon; Lael e Osiris.

## A COINCIDÊNCIA DA DUPLICIDADE

Curiosamente, fatos importantes da vida de Vital Brasil aconteceram em duplicidade.

1. Por duas vezes viajou ao Rio de Janeiro para ingressar na Faculdade de Medicina, só conseguiu na segunda.
2. Casou-se duas vezes, a primeira em 1893, logo após sua formatura; viuvo em 1913, casa-se novamente em 1920.
2. 18 filhos chegaram a idade adulta, nove do primeiro e nove do segundo casamento. Seis homens e três mulheres de cada um deles.
4. Duas moléstias graves quase levaram sua vida, a febre amarela e a peste bubônica; resistiu às duas.
5. Foram dois os seus amigos que sugeriram e o motivaram ao estudo do ofídismo.
6. Por duas vezes desejou estudar o ofídismo, só o fez da segunda vez.
7. Fundou e dirigiu duas instituições científicas, o Butantan e o Vital Brasil.
8. Muitos foram os seus trabalhos científicos, mas livros foram dois: A Defesa Contra o Ofídismo, e Memória Histórica do Instituto de Butantan.
9. Começou a escrever duas biografias, a sua e a de seu pai; não terminou nem uma nem outra.
10. Fez duas viagens à Europa e duas à América do Norte. Duas foram viagens de estudos e duas participando de congressos.
11. Por duas vezes sua morte foi anunciada, a primeira quando contraiu a peste bubônica em Santos, e a segunda por ocasião do seu falecimento a 8 de maio de 1950, no Rio de Janeiro.

# Psiquiatria Biológica

(\*) Carlos Roberto Hojaj

*Homem: poeira de estrelas.*

*O destaque ao cérebro (do homem) não invalida o privilégio ao homem (do cérebro).*

*O psiquiatra não lida com a mente, mas sim com o homem mentalmente doente.*

**A**s vésperas dos Congressos de Psiquiatria Biológica a serem realizados em São Paulo (7 a 10 de maio, 1995), cabe refletir sobre a contribuição da Psiquiatria Biológica no âmbito da Medicina e, quem sabe, delinear a filosofia norteadora desses eventos.

Três conceitos iniciais sumaríssimos:

1. Psicopatologia: forma de conhecimento do homem mentalmente perturbado e doente;

2. Neurociências (aplicadas à Psiquiatria): forma de conhecimento das alterações cerebrais (diretas e indiretas) responsáveis pelas perturbações mentais;

3. Psiquiatria: prática médica especializada.

O psiquiatra se arma de conhecimentos objetivando cura, alívio ou prevenção de alterações mentais de seus pacientes. Esses conhecimentos procedem de numerosas fontes (Propedêutica psiquiátrica): anamneses, exame clínico (físico), exame psicopatológico, análise de produções objetivas, exames laboratoriais de diversas espécies. Os elementos colhidos se ordenam na história de vida da pessoa e na história vital interna, considerando-se cultura e valores próprios e da sociedade. No curso de todo este processo de conhecimento vigora a relação médico-paciente - alimentada pela Psicologia Médica -, que estabelece vínculos de confiança e autoridade médica, permitindo adequada Propedêutica e posterior tratamento.

Durante muitas décadas o conhecimento psiquiátrico alimentou-se da Psicopatologia, quase exclusivamente. E a prática psiquiátrica exigia do médico utilização a mais rigorosa possível de sua personalidade, seja no processo de conhecimento do doente, seja (principalmente) na terapêutica. Elementos objetivos de alterações mentais de qualquer espécie (Psicoses, Personalidades anormais, Neuroses, etc.) quase não se faziam presentes. O diagnóstico de suposição somática estava todo alicerçado na própria Psicopatologia. O refinamento clínico alcançou progressos formidáveis, a ponto de se poder distinguir, com relativa certeza, umas das outras, todas as alterações mentais de ordem funcional, orgânica e psicológico-reativas, simplesmente através do exame psicopatológico. A Fenomenologia psicopatológica de JASPERS e a seqüência da Escola de Heidelberg teve fundamental importância no desenvolvimento da técnica psicopatológica.

Porém, a explosão tecnológica das últimas décadas atingiu a Medicina e, conseqüentemente, a Psiquiatria. Linguagem que há poucas dezenas de anos poderia levar algum psiquiatra supor tratar-se de composição jarganofásica neológica, hoje representa terminologia corrente da

moderna Psiquiatria: regulação de proteínas neuronais por fosforilação; antagonista não-competitivo; proencefalina e expressão genética neuronal; mensageiros intracelulares; proteína-G e tolerância a opiáceos; regulação pelo lítio do sistema fosfodiositol; sistema gabaérgico e benzodiazepinas; polymorphic DNA linkage markers; SPET-scan; ressonância magnética; marcadores de estado etc. Desnecessário comentar sobre o arsenal terapêutico à disposição do psiquiatra deste final de século: continuada revolução neurofarmacológica favorece abordagem eficaz em boa parte das patologias psiquiátricas, mormente as Depressões; até mesmo muitas Demências são objeto de técnicas que revertem ou interrompem o processo deteriorativo. (Carência notável envolve a Esquizofrenia, que persiste como magnífica e grande psicose, protótipo da loucura, selo enigmático desafiando a Psiquiatria.) Os resultados terapêuticos entusiasma. A boa prática psiquiátrica exige familiaridade com os novos conhecimentos originados nas neurociências.

O grande problema da Psiquiatria contemporânea reside em integrar à Psicologia Médica, Psicopatologia e Clínica, os conhecimentos das neurociências. O apelo às neurociências não deve excluir a dimensão psicológico-espiritual do homem porque, se não, teríamos Psiquiatria dos processos da mente, e não Psiquiatria do homem. Neste caso, o psiquiatra seria um neurologista também munido de propedêutica psicopatológica. Ao psiquiatra - enquanto clínico - se deve cobrar esta integração. Sempre caberá ao psiquiatra a apreensão adequada das perturbações mentais de seu paciente, e o uso apropriado dos recursos de diagnóstico (pessoais e de laboratório) e terapêuticos. No dia-a-dia, é o psiquiatra - enquanto clínico - quem se dispõe a ouvir, auscultar, penetrar na intimidade dolorida daquela particular pessoa, e posteriormente seguir as transformações promovidas pelo tratamento. Da ação do psiquiatra - enquanto personalidade ativa - surge a indicação, condução e controle da terapêutica. Parece sempre útil lembrar da Medicina enquanto Arte, cujo exercício privilegia somente os clínicos autênticos, e que nenhum conhecimento tecnológico poderá forjar.

Concepção de Psiquiatria Biológica considera o homem em sua totalidade, a partir da visão biológica integral, onde todos os processos (físicos, psicológicos, espirituais, culturais) são fruto do desenvolvimento deste ser peculiar, também originado da poeira das estrelas.

\* Carlos Roberto Hojaj é presidente da Associação Brasileira de Psiquiatria Biológica.

## Vida Cultural

Saiu mais um número do "Cadernos do Ifan", publicação do Instituto Franciscano de Antropologia da Universidade São Francisco, destinado ao público interno da Universidade. Sua periodicidade não é determinada de forma rígida, aparecendo em torno de quatro números por ano, com tiragem limitada. Esta última traz artigos de grande interesse, quer para estudantes, quer para os que já se formaram. "Transmissão da Vida", "Mercantilização do Corpo", "Manipulação Genética", "O Mito de Asclépio Lidando com a Morte", são alguns temas, assinados, respectivamente, por Frei Antonio Moser, Maria Celeste Cordeiro Leite Santos, Antonio Sérgio Ramalho, Roosevelt Cassorla e o premiado médico, escritor e poeta, Carlos Pessoa Rosa.



A Summus Editorial põe à disposição do público leitor a recém-lançada obra "Histórias de Contar e Escrever", de Cláudia Perrolta, Laura Wey Märtz e Lúcia Masini. A partir de histórias cotidianas de crianças, adolescentes e adultos, as autoras, três fonoaudiólogas, esclarecem que a causa das dificuldades da linguagem não é, necessariamente, a inadaptidão para a comunicação, mas as exigências que são colocadas às pessoas, as quais, na maioria das vezes, não consideram a expressão e a reflexão como razões primeiras do aprendizado e do uso da linguagem.



Aldir Mendes de Souza, renomado médico e pintor, com o apoio do Ministério da Cultura, estará expondo suas obras na mostra intitulada "Pinturas, Movimento da Cor", no Museu Nacional de Belas Artes, nos dias 23 de março a 30 de abril. Suas telas, aliás excelentes, apresentam características marcantes, entre elas a de prevalecer em seu todo a capacidade intuitiva sobre a parte puramente intelectual. Seu estilo é inconfundível, leve e solto, bem colorido, muito agradável de ver.

G.A.P.